

MORRO EM CENA - UNINDO GERAÇÕES: CONTRAPONTO NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS E IDOSOS – MORRO REDONDO

NAIR CARRIL FONSECA¹; MARCOS ROBERTO DE SOUZA², MIRIÃ DA MOTA MANOEL³; DIEGO LEMOS RIBEIRO⁴.

¹UFPel (Universidade Federal de Pelotas) – nairamont@hotmail.com

²UFPel (Universidade Federal de Pelotas) – marcosroberto02012@gmail.com

³UFPel (Universidade Federal de Pelotas) – miria.mota.2012@gmail.com

UFPel (Universidade Federal de Pelotas) – dlrmuseologo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar as atividades realizadas no Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR), com um grupo de crianças e idosos, que promovem reflexões relacionadas à troca de experiências intergeracionais sendo observadas semelhanças e também diferenças na apreensão dos conhecimentos.

A análise em questão parte de um projeto de extensão do Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) denominado “Museu Morroredondense: Espaço de Memórias e identidades”. A observação em questão dá-se no subprojeto intitulado Morro em Cena, que se propõe por meio de oficinas teatrais trabalhar, em uma abordagem interdisciplinar, temas intergeracionais. O acervo do MHMR foi constituído a partir da vontade de três idosos que tinham o desejo de guardar objetos que relembavam seus antepassados e vivências, de sorte a dar continuidade às memórias do cotidiano e às práticas culturais da região. O Museu promove encontros mensais denominados “Café com Memórias” junto com idosos¹; como desdobramento deste evento cria-se o “Morro em Cena”² que trabalha com o vínculo entre crianças e idosos por meio de roteiros escritos com base em relatos verídicos de saberes e fazeres dos idosos.

Como ancoragem teórica, partimos da ideia de VYGOTSKY (1998), que trata a questão do desenvolvimento humano relacionado ao contexto sócio-cultural em que a pessoa se insere. O autor ensina, igualmente, que o conhecimento se desdobra de forma dinâmica e dialética.

2. METODOLOGIA

A metodologia dessa pesquisa foi por meio de observação e revisões bibliográficas sobre como processos museológicos interferem no desenvolvimento de crianças e idosos. Toma como referência, igualmente, o tema do envelhecimento saudável e das formas de aprendizagem, a partir de um prisma interdisciplinar.

¹ Café-com-Memórias é um evento que ocorre mensalmente no MHMR e é realizada com a participação de um grupo de idosos que colabora com o Museu Histórico de Morro Redondo/RS. No evento em questão, os idosos relatam vivências a partir de determinada temática, tendo como propulsor de memórias os objetos do próprio Museu.

² Morro em Cena é um projeto de oficinas de teatro. Embasado no Café com Memórias, a partir dos relatos coletados são produzidos os roteiros que são trabalhados nas peças.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As crianças ao se desenvolverem passam a ser confrontadas com uma série de estímulos captados por meio dos sentidos. Quanto maior o estímulo, maior será a resposta. É nesse interstício que surgem novas aprendizagens. Sugere-se que os “pequenos” devem ser estimulados de maneiras lúdicas que proporcionem na brincadeira formas para que ela construa conhecimento em diversas áreas (PRIETO, 2007).

Entende-se que cada criança terá uma história particular, tanto na sua formação biológica, quanto psicológica, social e cultural. Para FORTUNA (2004) o universo infantil está presente em cada um de nós. As experiências da infância deixam profundas marcas em nossas vidas e, mesmo sem sabermos, as trazemos nos gestos, nas falas e nos costumes. Desta forma a atuação do Museu é de estrita importância, pois de acordo com ROSÁRIO (2002 p.3) é o local em que memórias são negociadas socialmente, sendo este espaço definido pela autora como responsável “não apenas pelo simples reconhecimento de conteúdos passados, mas um efetivo reviver que leva em si todo ou parte deste passado. É o de fazer aparecer novamente às coisas depois que desaparecem.” Dessa forma entende-se o museu como ativador de memórias, participe, portanto, na formação das crianças como membros daquela comunidade. Por meio daquele espaço é possível estabelecer a comunicação entre gerações que ainda estão se formando e àquela geração que possui as histórias e vivências da comunidade guardadas em suas memórias.

Independentemente de ser criança ou não, cada sujeito possui características particulares de aprendizagem. De acordo com LEONTIEV (1998, p.59), “durante o desenvolvimento da criança, sob a influência de circunstâncias concretas de sua vida, o lugar que ela objetivamente ocupa no sistema das relações humanas se altera”.

Importa mencionar que a principal diferença entre a aprendizagem de um idoso e uma criança que está em desenvolvimento, é a rapidez que cada um responde aos questionamentos que lhes são impostos. Nesse sentido, PAIVA (1999, p.42) esclarece que o que pode prejudicar a aprendizagem de um idoso não são as suas células cerebrais, mas sim outros fatores como: "a) lentidão no raciocínio em função da diminuição dos processos fisiológicos funcionais; b) diminuição natural das capacidades visuais e auditivas; c) lentidão na mobilidade nas capacidades motoras em geral”.

De acordo KISHIMOTO (2006) por meio das brincadeiras pode-se compreender a cultura de um povo. Os repasses de cultura pelo costume ou pelo lúdico possibilitam o resgate de valores sociais essenciais, e são formas de comunicação entre as gerações, instrumentos de aprendizagem e de valorização do patrimônio histórico-cultural em diferentes contextos. Dessa forma, vemos nas encenações teatrais e nas brincadeiras de expressões corporais uma valiosa maneira de transmissão de conhecimento. Algo além do brincar, que por si só já seria benéfico.

A importância dos relatos dos mais velhos sobre a origem, funcionamento do acervo do Museu, bem como o resgate de antigas histórias e fatos de infância,

revelam múltiplas facetas de um passado que poderia tornar-se estático, mas que pela encenação teatral ganham forma e vitalidade, repovoando o imaginário de ambos, crianças e idosos. Dessa forma as crianças atentas às falas, assimilam preceitos éticos e socioculturais. Os contatos intergeracionais em forma de roda, por esta não ter início nem fim, oportunizam que todos se sintam nivelados igualmente e com sentimento de pertencimento ao grupo, acresça-se por estarem dispostas lado a lado e frente a frente à situação favorece a lealdade, o companheirismo, a percepção do outro e do coletivo.

MIRANDA (2003) explica que nas variadas fases da vida ocorre a aquisição de conhecimento, porém de formas distintas. Diversos aspectos psicológicos e físicos influenciam diretamente no processo de aprendizagem. LIMA (2007) aponta que existe a necessidade de desenvolver sempre novos métodos para estimular o cérebro, para que ele possa empenhar-se em suas principais funções: o aprender-ensinar, que remete em benefício de melhor qualidade de vida, sendo esses benefícios para idosos e crianças. Tem-se os mestre e aprendiz frente a frente, lado a lado, num processo simbiótico de ensino-aprendizagem.

Com base em CUNHA (2012), que esclarece que as atividades desenvolvidas com os idosos e as crianças fazem parte de um desenvolvimento e fortalecimento do desenvolvimento cognitivo, social e afetivo do grupo, acredita-se ser frutífera a relação intergeracional promovida pelo museu. Essas performances teatrais/museais oferecem a oportunidade de expressar conhecimentos, sentimentos e emoções, tendo como pano de fundo os relatos dos idosos e o imaginário social. Mas essa negociação de memória demanda o convívio com a pluralidade e com perspectivas conflitantes sobre essa prática. MIRANDA (2003) ressalta que o grande desafio é trabalhar com as diferenças diariamente, as habilidades de comunicar-se com clareza, saber ouvir, ser empático. É ter como princípio que a capacidade de imaginar e criar nem sempre são consonantes.

4. CONCLUSÕES

As reflexões aqui apresentadas irão fortalecer as discussões sobre implementação de novas ações, para diferentes faixas etárias, dentro de instituições museológicas. Almeja-se que essa proposta inspire projetos que alinhem conhecimento, autorreflexão e prazer no despertar da consciência crítica do cidadão. Do mesmo modo, objetiva-se com essa reflexão aludir a uma prática museológica efetivamente inclusiva, comprometida com a construção cooperativa e autônoma do conhecimento. Busca-se ainda, promover uma prática de ensino-aprendizagem em uma instituição que ainda carrega o estigma de ser voltada à objetos, e menos atenta às pessoas que os criam, mobilizam e significam essas materialidades socialmente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, L. C., BORGES B. T., WESTRUPP F. M. F. Contrapontos no ensino e aprendizagem de crianças e idosos: relato de experiência das acadêmicas de pedagogia em espaços escolares e não-escolares In **XXXX XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP** - Campinas – 2012. Acesso em 03 ago. 2018. online. Disponível em <http://www.planetaeducacao.com.br/portal>.

FORTUNA, T. R. **O brincar**. Revista Pátio. Educação Infantil. Ano 1, n.3, dez-2003/mar-2004.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In VIGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 6º ed. São Paulo: Ícon, 1998. 228 p.

LIMA, C.R. Programas intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações. Dissertação (mestrado), UNICAMP, Campinas, SP, 2007.

MIRANDA, D.S.O encontro de gerações no SESC São Paulo: a história de um processo de inclusão social. In **Congresso Internacional Co-educação de gerações**, SESC São Paulo, 2003.

PAIVA, V. M. B. **Fundamentos psicopedagógicas para uma ação educativa em Gerontologia Social**. Revista a Terceira Idade, São Paulo, v. 5, n.18, p. 39-44, 1999.

PRIETO, A. C. S.. **Quando começa a aprendizagem**. Planeta Educação, 2007. Acesso em: 15 ago. 2018 online Disponível em:<<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=761>>.

ROSARIO, C. C. do. **O lugar mítico da memória**. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 01, número 01, UNIRIO, Rio de Janeiro, (p 1-6) 2002.

VIGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 6º ed. São Paulo: Ícon, 1998. 228 p